

OITOCENTISTAS EM FOCO

DOI:10.47677/gluks.v24i3.517

O volume 24, n. 3, de 2024, destinado aos Estudos Literários, da *Gláuks*: revista de Letras e Artes, publicação quadrimestral do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa (UFV), teve como foco os estudos de obras produzidas nos oitocentos, em verso ou em prosa, abarcando fontes primárias e outras artes e campos do conhecimento que dialogassem com a literatura.

A proposta do dossiê surgiu no âmbito da III Jornada de Estudos Oitocentistas, realizada na UFMG, em abril de 2024, congregando pesquisadores e estudantes que se dedicam ao estudo do século XIX, para discussão de problemas concernentes a diversas literaturas, entre elas a argentina, a brasileira, a espanhola, a francesa e a inglesa, em perspectiva comparada ou não. No intuito de aprofundar e ampliar o debate, propôs-se a abertura da chamada que originou o presente dossiê, para colaboração de toda a comunidade acadêmica que se interessasse pelo longo século XIX.

As contribuições foram numerosas, o que aponta para a pujança dessa linha de pesquisa na academia brasileira, somando mais de 20 artigos, resenhas e uma entrevista com pesquisador convidado. A multiplicidade dos autores que atenderam à chamada, contando com artigos de diversas regiões do Brasil, permite dizer que o panorama aqui formado sugere algumas tendências de investigação, mesmo que momentâneas. Os artigos foram divididos em quatro blocos linguísticos: análises que versaram sobre autores e/ou obras em língua portuguesa, francesa e inglesa, sendo a ordem de precedência estabelecida por um critério quantitativo.

Na seara da língua portuguesa, iniciamos nosso percurso pelo “Diálogo transatlântico entre José de Alencar e Pinheiro Chagas: reflexões sobre a literatura brasileira do século XIX”, de David Patrick Tavares Belo e Juliana Maia de Queiroz, por estabelecer uma perspectiva, apontada já no título, de interface entre a metrópole e sua ex-colônia, que anseia a configuração de uma identidade literária, e, portanto, nacional. À luz dessa questão de suma importância às letras pátrias, alocamos contribuições que enfocam objetos, de certa forma, à margem do projeto central da literatura brasileira oitocentista, seja de um ponto de vista

Gláuks: Revista de Letras e Artes-set/dez, 2024-ISSN: 2318-7131-Vol.24, nº 3

geográfico ou temático, o que lhes acarretou um relativo apagamento. Tal é o que assinalamos nos artigos “Sapateiro Silva: a pobreza na técnica poética”, de Assíria Leite Coelho, abordando personagem carioca da virada do século XVIII; “Os Romantismos de Luiza Amélia de Queiroz em *Flores Incultas* (1875)”, de Daniel Castelo Branco Ciarlini, que se ocupa de uma poeta piauiense; “O perigo do romance, ou a leitura em perigo?”, de Germana Maria Araújo Sales e Jeniffer Yara Jesus da Silva, cujo objeto de análise é o jornal católico *A cruz* (1861-64) e “*Il faut finir pour commencer*’: a Guerra do Paraguai em três tempos”, de Franco Baptista Sandanello, que elenca, ao lado d’*A Retirada de Laguna*, de Taunay, narrativas menos conhecidas sobre o conflito cisplatino.

Ainda no mesmo bloco, chegamos a autor incontornável de nosso século XIX: Machado de Assis, que conta com seis artigos, comprovando, também no espaço deste dossiê, ser uma das linhas mestras nos estudos oitocentistas no Brasil. O interesse recai sobre a prosa machadiana, seja na vertente romanesca, caso de “O papel da ironia na organização formal do romance machadiano”, de Marcos Rogério Cordeiro, que abarca os primeiros romances do autor; “Patografias de Brás Cubas”, de Pedro Alegre e “Um mundo alegórico”, de Filipe de Freitas Gonçalves, que se ocupa de *Esau e Jacó* (1904). Seja na narrativa curta, caso de “Sob o véu da ironia: os questionamentos silenciosos nas diferentes versões do conto ‘O relógio de ouro’”, de Ana Lúcia Machado de Oliveira e Andressa Maria Delgado Correa; “‘Pedi-me um documento humano, ei-lo aqui’: um testamento da ficção machadiana no conto ‘O enfermeiro’”, de Lucia Granja, Yaisa Melina de Araujo Custódio, Guilherme de Souza Lopes e Everaldo Rodrigues e, por fim, “O narrador ardiloso em ‘Antonia’, de Machado de Assis”, de Valdiney Valente Lobato de Castro.

Após a incursão pela prosa do bruxo do Cosme Velho, as contribuições seguintes aproximam-se da segunda metade dos oitocentos e da literatura portuguesa. As questões pós-românticas são levantadas pelas reflexões de Leonardo Mendes e Joanna Silveira Corrêa, em “Pedro de Castro do Canto e Melo (1866-1934) e o ‘naturalismo retardatário’”; de Guilherme Barp, Cristina Löff Knapp e Cecil Jeanine Albert Zinani, n’“O resgate de ‘Os beijos’, um conto insólito de Cândida Fortes Brandão” e, finalmente, de Júlio Cezar Bastoni da Silva, em “Os trópicos pelo negativo: Cruz e Sousa e os avessos da modernidade à brasileira”. Contamos também com dois artigos que versam sobre as letras lusas e seus principais expoentes no século XIX, como Eça de Queirós e Cesário Verde. O primeiro é lido por Fernando Variani e Lucas do Prado Freitas, em “A insuficiência da filosofia em ‘José Matias’
Gláuks: Revista de Letras e Artes-set/dez, 2024-ISSN: 2318-7131-Vol.24, nº 3

e o segundo, por Mônica Genelhu Fagundes, em “A cabeleira de Ofélia: performance, pintura e poesia”.

O bloco de língua francesa é o segundo com maior número de contribuições, sugerindo a nossa ligação com a cultura francesa, que se intensificou justamente no século XIX, embora os textos arrolados aqui não assumam uma perspectiva comparatista. Em caráter de abertura, temos “A literatura como História: uma lição (ou truísmo) sobre os oitocentos francês”, de Maria Juliana Gambogi Teixeira. Nele a autora lança a hipótese de que as revoluções devem ser consideradas não apenas de modo contextual para compreensão das letras francesas daquele período. A partir dessa provocação inicial, partimos para estudos mais específicos, como “A retórica da intransigência em Léon Daudet: o século XIX e o discurso da decadência”, de Fabrício Tavares de Moraes; “Um romântico sombrio: o sobrenaturalismo em Victor Hugo”, de Dennys Silva-Reis; ““As janelas”, de Charles Baudelaire: relações entre literatura e imagem no oitocentos”, de Júnior Vilarino e Isabela Santos Oliveira, “O projeto naturalista no prefácio de *La confession de Claude*”, de Ana Carolina Moraes da Natividade e Pedro Paulo Garcia Ferreira Catharina; “A expressão subjetiva e musical em *Les lauriers sont coupés* de Édouard Dujardin”, de Andressa Cristina de Oliveira e Carla Alexandra Ezarqui e “A presença da religiosidade nos romances de J.-K. Huysmans: ficção ou relatos de um alter ego?”, de Glaucia Benedita Vieira. Tal conjunto abarca desde autores lembrados apenas pontualmente, caso de Dujardin, a propósito do monólogo interior, outros menos conhecidos entre nós, como Huysmans, quanto autores canônicos, caso de Hugo e Baudelaire, sugerindo o vasto escopo dos estudos oitocentistas franceses no nosso país.

No que compete às literaturas de língua inglesa, encontramos reflexões diversas sobre autores de primeiro plano, com ênfase na produção romanesca. Jane Austen é o objeto de estudo do artigo “As personagens leitoras de *Persuasão* (1818): uma figuração da transição de poderes entre a aristocracia e a burguesia”, por Camila Cano Caporale. Outra grande escritora inglesa é alvo de Juliana Reñones Calvo Abuassi, Julia Barandier e Leonardo Bérenger Alves Carneiro em “A infância como mecanismo literário: uma leitura de Jane Eyre e *O morro dos ventos uivantes*”. A juventude é mais uma vez debatida por meio do protagonista de Mark Twain, no artigo “Tom Sawyer e a subversão dos valores na literatura infantil oitocentista”, de Luiza Herrera Braga e Jefferson Cano. A análise de viés psicológico embasa o artigo que encerra esse terceiro conjunto, trata-se dos “Reflexos do pacto de Dorian Gray: reflexões
Gláuks: Revista de Letras e Artes-set/dez, 2024-ISSN: 2318-7131-Vol.24, nº 3

sobre o tempo, imagem, arte e vida”, de Elieni Cristina da Silva Amorelli Caputo e Andrea Funchal Lens.

O dossiê conta ainda com uma entrevista com Wilton José Marques, concedida a Flaviana Barcelos de Castro, Anna Giulia Cardoso Grossi e Luiz Henrique Diniz Filho. Professor titular de Literatura Brasileira e Teoria Literária do Departamento de Letras da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), o pesquisador compartilha sua experiência de trabalho na academia e nos estudos oitocentistas. Sua ligação com este dossiê é fundamental, uma vez que participou como conferencista convidado da I Jornada de Estudos Oitocentistas, realizada na UFV em 2022.

Contamos ainda com resenhas produzidas por Andréa Sirihal Werkema e Natália Gonçalves de Souza Santos respectivamente sobre as obras *Um leitor inconformado: Álvares de Azevedo e a literatura comparada* (Edusp, 2022) e *O sino e o relógio: uma antologia do conto romântico brasileiro* (Carambaia, 2020).

Agradecemos a todos os pareceristas e autores que contribuíram com seu tempo e preciosas reflexões para a composição deste dossiê. Vida longa aos estudos oitocentistas!

Prof. Dr. Davidson de Oliveira Diniz (UFMG)

Profa. Dra. Natália Gonçalves de Souza Santos (UFV)